FLORENCIA ETCHEVES

MADAME BORGES

Planeta

FLORENCIA ETCHEVES

MADAME BORGES

Tradução:
Mariana Di Marcantonio

Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Florencia Etcheves, 2026
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026
Copyright da tradução © Mariana Di Marcantonio, 2026
Todos os direitos reservados.

Preparação: Wélida Muniz
Revisão: Andréa Bruno e Marianna Muzzi
Diagramação e projeto gráfico: Vivian Valli
Design de capa: Anónima Agency / Franco Zegovia M.
Foto da capa: Franco Zegovia M.
Adaptação de capa: Heleni Andrade

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Etcheves, Florencia
Madame Borges / Florencia Etcheves; tradução de Mariana Di Marcantonio.
– São Paulo : Planeta do Brasil, 2026.

224 p.

ISBN 978-85-422-4486-1
Título original: *Madame Borges*

1. Ficção argentina I. Título II. Marcoantonio, Mariana

26-4322 CDD Ar863

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção argentina

Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo e outras fontes controladas

2026
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Av. Paulista, 854 – 2º andar
01310-913 – Bela Vista – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

Acreditamos nos livros

Este livro foi composto em Fairfield LH e impresso pela Lis Gráfica para a Editora Planeta do Brasil em outubro de 2026.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

1

Na porta principal da Feira do Livro, a brisa do outono se converte num furacão, e os raios de sol, em espadas de gelo. Cubro o peito com o lenço de seda azul. Minha avó tinha razão quando me ameaçava com a existência de infernos de gelo.

Retirar-me em silêncio ou lutar? O que me vem à cabeça são samurais japoneses. Talvez seja porque são a casta perfeita, servidores de lealdade inabalável. Para eles, a honra, a palavra, os juramentos e a coragem são mais valorizados que a própria vida. Vou subir no ringue e batalhar. Eu sou um samurai. Seu samurai, Borges.

Observo com atenção o cartaz que me deixou paralisada: fundo preto, letras brancas e abaixo uma foto sua. Você está elegante com esse terno cinza. Camisa branca, gravata preta e os olhos cegos voltados para baixo. Mas não é a foto o que me deixa cravada no chão. Não. São as letras, o texto, a farsa, a mentira.

Abraço a bolsa que escolhi para a ocasião. É a de couro verde, a que tem forma de cabeça de dinossauro. Aquela que você, Borges, comprou para mim nos Estados Unidos. Aquela que eu uso cada vez que quero escandalizar alguém. Mas, é claro, até bem pouco tempo atrás eu não sabia que o escândalo não ia ter nada a ver com a minha bolsa.

Cruzo o olhar com o meu amigo Juan Azores, que imediatamente apoia a mão firme no meu ombro. Às vezes ele sabe como me acalmar, mas acho que hoje não vai conseguir.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

— Ajude-me a tirar essa infâmia daí — digo enquanto aponto o cartaz com o dedo indicador, cheio de anéis bem finos de marfim. — Não acredito que ainda insistam nisso.

— María, acalme-se… — replica Juan, sem tirar a mão do meu ombro.

— Estou calma — esclareço com meu tom de voz mais baixo e monótono.

Não consigo tirar os olhos do poema que me deixou obcecada durante anos, um texto brega que alguém atribuiu a você, Borges.

Há alguns anos, me ofereceram um milhão de dólares para participar de uma leitura coletiva de "Instantes" na ponte do Brooklyn. Ameacei processá-los por dez milhões e consegui impedir o evento. Mas agora a mentira está exibida nada menos que em Buenos Aires. Na sua Buenos Aires, Borges. E eu não vou permitir isso.

Avanço dois passos até o cartaz, fico na ponta dos pés e, com um puxão firme e seco, consigo arrancá-lo. A lona cai no chão diante do olhar atônito de Juan. Ele não consegue acreditar na minha força, e menos ainda na minha determinação. Às vezes, nem eu.

— Juan, não fique aí parado. Vamos enrolar esta porcaria.

Juntos, conseguimos enrolar o cartaz diante dos olhares daqueles que passam. E eu quero mais. Vou até o fim.

Sem nos determos, atravessamos o pátio a passos rápidos e entramos no primeiro galpão. Gosto que ninguém tenha a coragem de nos impedir. Parece que todos sabem que, ainda que esteja ferido, um animal sempre se lembra de que tem dentes para morder. E eu mordo. Mordo forte.

O escritório da diretora da Feira do Livro fica nos fundos. A porta está encostada. Eu a empurro com a ponta do pé e entro.

A diretora está sentada atrás de uma mesa improvisada, fazendo anotações em um caderno. Ela levanta a cabeça e me vê. Ajeita os óculos e ergue as sobrancelhas. A expressão é de total assombro. E não é para menos.

Ela consegue me ver segurando a lona com dificuldade. Também observa a minha túnica amarela, meus colares de coral. O que

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

não consegue ver é a fúria nos meus olhos. Meus óculos escuros lhe fazem esse favor. Ninguém quer estar exposto a eles quando são tomados pela ira.

Não lhe dou nem tempo de me cumprimentar. Desenrolo o cartaz em cima da mesa dela, e um copo d'água cai no chão. O poema "Instantes" fica exposto. E a sua foto, Borges, também.

— O que significa isso? É vergonhoso. Estou atônita — cuspo as palavras com desprezo.

Noto como a diretora inspira e como o ar fica engasgado em sua garganta. Desfruto disso. Ela sabe muito bem que esse poema não é seu, Borges. Mesmo assim, tenta me tranquilizar.

— Ai, María! Que papelão! — exclama com um fio de voz.

Interrompo. Quem quer falar sou eu. O universo das palavras não ditas me parece uma desgraça.

— Eu não vou permitir que alterem a obra de Borges nem que a inventem. Eu sei muito bem o trabalho que ele tinha para revisar cada palavra de seus textos. É como se torturassem ou matassem um filho seu. É a mesma coisa. O fato de ser uma obra intelectual não significa que não tenha tanta importância quanto algo físico. Para mim, dá no mesmo.

— É claro, María. Você tem toda a razão do mundo. Foi um erro involuntário de alguma das garotas…

Sorrio com sarcasmo. Estou farta das desculpas.

— Ninguém é responsável aqui. A culpa é sempre do outro. Por isso se cometem várias vezes os mesmos erros. Sou educada na cultura da responsabilidade e sou responsável pela obra de Borges. Por que vocês têm tanta dificuldade para entender isso?

A diretora consegue se recompor. Enrola o cartaz e o coloca num canto, perto de um cesto de lixo. Uma encenação para me mostrar que o cartaz virou lixo. Nada que eu não saiba. E volta a se desculpar. Eu gostaria de perdoar, virar a página, seguir em frente, mas nem sempre a desculpa é suficiente. Por um segundo me pergunto o que me deixaria com a alma em paz. Não encontro resposta. O que encontro são palavras. As palavras nunca me deixam sozinha.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

— Esta feira, que tanto diz gostar de Borges, nunca o leu. Ninguém que o tenha lido pode pensar que esse texto é dele. Se ele tivesse escrito essa porcaria, eu teria me desapaixonado na hora, e vocês não teriam esses problemas comigo. Como Borges poderia escrever esse poema melancólico? Ele nunca se arrependeu de sua vida, de nada. — Engulo em seco e respiro fundo. — E vou te dizer uma coisa pela última vez: se pensam que esse poema cheio de clichês é de Borges, então não merecem Borges.

Não quero ficar mais nem um segundo neste lugar do qual a cada ano me sinto expulsa. Saio do pavilhão a passos rápidos. Abaixo a cabeça para evitar contato visual. Enfio a mão na minha bolsa de dinossauro e pego minha câmera fotográfica digital. É nova, presente de uma amiga. Tiro os óculos e focalizo o lugar no qual, até pouco tempo atrás, estava o cartaz da discórdia. Agora é só um espaço vazio. Aperto o botão prateado e a imagem fica congelada.

Essa foto sempre vai me lembrar que devo seguir firme em minha missão, firme ao seu lado, Borges. Firme como uma estaca. Porque você é a minha metade.

For ever and ever and a day.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

2

O sol foi se escondendo aos poucos, e a claridade do ambiente deu lugar a uma escuridão tímida. Nem a mãe nem a filha notaram, continuaram lendo um pouco mais, apesar do cansaço.

Numa ponta do sofá, Antonia, a mãe, descruzou as pernas com elegância; apoiou o livro nos joelhos e afundou a cabeça nas letras. Na outra ponta, María, a filha, mordia o lábio inferior; não queria chorar. O conto "As ruínas circulares", de um autor chamado Jorge Luis Borges, a comovia profundamente. Apesar de ser uma menina e de grande parte do relato lhe parecer confuso, o desespero do protagonista para inventar um ser humano por meio do sonho tocava sua alma. Tanto que ficaria presa nesse conto a vida inteira.

— Querida… — sussurrou Antonia. — Está me ouvindo?

A menina afastou os olhos do livro e olhou para a mãe. A mulher estava encolhida contra o encosto do sofá, abraçando as pernas e com o queixo apoiado nos joelhos. O entardecer dava lugar à noite, a escuridão na sala era quase total, e, com as sombras, chegava o medo. Antonia era medrosa, tudo a fazia tremer: a chuva, os cães, a velocidade dos carros, os barulhos. Os assuntos mais corriqueiros costumavam enchê-la de incerteza.

— Sim, mamãe. Estou ouvindo.

— Querida, acenda a luz que a mamãe está com medo.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

O coração de María disparou de repente, e a pele ficou fria. O que tinha assustado a mãe dessa vez? Um monstro? Um fantasma? As elucubrações não duraram muito.

— Vá tranquila, minha querida. Você é uma menina muito valente — insistiu a mulher.

Essa frase deu a María não apenas a confiança necessária para se levantar do sofá e chegar tateando até o abajur da sala como também lhe ensinou que o medo isola, prende. Graças ao medo da mãe, María perdeu o dela para sempre.

Antonia esperou pela filha no sofá, com os braços abertos e um sorriso. O abraço foi breve, mas intenso.

— Como prêmio, vou tocar uma música para você, minha querida — disse enquanto se levantava e esticava a saia que cobria suas pernas brancas e perfeitas até os tornozelos.

Num canto da sala, o piano de cauda brilhava como uma peça perfeita de azeviche. O banco, forrado com veludo vermelho, criava um efeito tranquilizador. Esse era o único lugar em que Antonia não tinha medo. O marfim das teclas, o ruído surdo dos pedais de bronze e o tremor da caixa de ressonância eram para ela os tranquilizantes mais eficazes. Estalou os ossos de seus dedos magros e se acomodou no banco com movimentos harmoniosos e sincronizados; uma atuação sublime.

María se aproximou do piano, gostava de usar a tampa como se fosse um espelho. As tranças pretas e o vestido de babados azul-claro se refletiam no brilho da madeira.

A música inundou a sala. Antonia acariciava o teclado com os olhos fechados. Só os sentidos do tato e da audição tinham lugar na performance dedicada à filha. Não precisava de partituras para saber que nota tocar. Era uma pianista intuitiva, como gostava de dizer.

Lágrimas molharam as bochechas de María, e dessa vez ela não mordeu o lábio para detê-las. Só com a mãe se permitia ser quem realmente era.

Com o fim da peça musical, vieram os aplausos de María. Antonia se levantou e fez uma reverência; em sua imaginação, havia um público entusiasmado e um teatro lotado.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

— Obrigada, minha querida. Fico feliz que tenha gostado. Agora, coloque um casaco. Precisamos comprar algumas coisas para o jantar. Seu pai deve estar chegando.

Antonia gostava de esperar o marido com o jantar quente, recém-preparado, e com a mesa posta com cuidado. Esse homem a quem muitos anos atrás havia conhecido em uma reunião de amigos continuava lhe causando o mesmo impacto. A primeira vez que o viu, pensou que fosse um príncipe de *As mil e uma noites*. Não se importou que ele fosse japonês e não árabe. A sensação de estar diante de alguém imponente não se perdeu com os anos.

Obediente, María vestiu um casaco de tricô rosa e ficou em pé ao lado da porta. Ela também gostava de preparar as boas-vindas ao pai, esse homem com o qual compartilhava não apenas o formato dos olhos como também a paixão pela arte, pelos livros e pelos idiomas.

Saíram para a rua. O frescor do anoitecer se fazia sentir. Antonia se esquecera de se agasalhar e ficou com a pele arrepiada.

— Vamos apertar o passo, María, para não ficarmos gripadas — ordenou, como se a gripe fosse algo que as perseguisse pela rua. As doenças também lhe davam medo.

Não chegaram a dar nem três passos quando se depararam com Manuel, o vizinho, um homem amabilíssimo que sempre encontrava uma desculpa para puxar conversa; o traço mais distintivo de sua solidão.

— Que alegria encontrar duas senhoritas tão belas! — exclamou com um gesto teatral. — Antonia, que bom ver a senhora. Queria perguntar por aquela melodia de piano que vinha da sua casa ainda há pouco. Quanto talento! Quem é o pianista? Quero comprar o disco assim que possível.

Antonia corou, não estava acostumada com elogios.

— Não, seu Manuel. Não era um disco. Era eu quem estava tocando piano.

— Não pode ser! — expressou o homem, surpreso. — A senhora tem que fazer concertos. Esse talento não pode ficar entre as quatro paredes da sua casa.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

— Ai, fico honrada com as suas palavras! Mas eu só toco por prazer. Em algum momento imaginei que a música pudesse ser minha carreira, só que a vida tinha outros planos. Casei e tive meus filhos.

Seu Manuel franziu o cenho. As palavras de Antonia lhe deixaram um gosto amargo na boca.

— Foi por isso que você abandonou sua carreira? — disse, meio sério, meio brincando, enquanto tocava a cabeça de María e piscava um olho para ela.

Antonia sorriu. O elogio não a deixou perceber que o comentário de seu Manuel havia causado um grande impacto em sua filha. A pequena estava rígida, uma força imaginária lhe apertava o peito. É assim que as revelações são sentidas: uma pressão que ancora os sonhos e as expectativas na realidade.

Naquela noite, María Kodama soube que não teria filhos. Os filhos acabam com a carreira e as ambições das mães, e ela não queria que nada atrapalhasse seu desejo mais profundo: ler, escrever e ensinar.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

UMA HISTÓRIA DE AMOR, LEGADO E A FORÇA TRANSFORMADORA DA LITERATURA

María Kodama, a viúva e guardiã do legado de Jorge Luis Borges, está nos momentos finais de sua vida. Sua missão é clara: proteger a memória e a obra do homem que amou. Mas, em um encontro inesperado com Ceferino, um jovem de um bairro periférico de Buenos Aires, ela vislumbra uma nova forma de perpetuar o legado do mestre.

Unidos pela crença no poder das palavras, María e Ceferino embarcam em uma jornada emocionante pela cidade, revisitando os lugares que marcaram a vida de Borges. Nessa viagem, *Madame Borges* tece uma trama de afeto, descoberta e reconciliação, explorando a complexidade do amor e a imortalidade que a literatura oferece.

Com uma prosa envolvente e um olhar sensível, Florencia Etcheves presta uma homenagem comovente a uma das figuras mais emblemáticas da cultura argentina, revelando a força de uma mulher que dedicou sua vida a manter viva a chama de um gênio.

Planeta

9 788542 244861